

O mistério do corpo falante no insondável da garganta de *Irma*¹

Ana Paula Britto Rodrigues

1 - Introdução:

Não sem estar apoiado na constatação de que "não há amizade que esse inconsciente suporte"², Lacan, ao final de seu ensino, não hesita em inferir que Freud, como inventor da psicanálise, é um exemplo indiscutível de solidão. O que Lacan está, portanto, vetorizando-nos, implica em concordar que a psicanálise para ser inventada, como uma operação, "operação Freud"³ - assim o predica Miller - precisou tocar no instante de um inconsciente reduzido à radicalidade de seu real, como acontecimento sumamente real, corporal, traumático e por isso, não pode suportar amizade, não faz laço.

Então, é com Lacan, leitor de "outro modo" de Freud, o que o faz seu legítimo passador, que nos lançamos ao desafio de tomar Freud, em sua solidão, não só como inventor da psicanálise, mas como inegável analisante. Sim, ainda que praticada em pares, uma análise se desenrola sob um fundo de solidão, onde o sujeito dá testemunho de seu encontro com o inconsciente, do ponto em que se detém frente ao real. E nada mais preciso para se pensar a singularidade desse encontro que o sonho, "via régia do inconsciente"⁴.

Contudo, para além do sonho tomado como formação do inconsciente, passível de efeitos de sentido, existiriam aqueles sonhos - tal como o paradigmático sonho da injeção de *Irma* - que nos testemunham a incidência do enigma como efeito de furo, como nó do trauma que se perde na obscuridade do que Freud chamou de "umbigo do sonho"⁵, já

que colocaria em jogo um real impossível de significantizar e onde aconteceria o que Lacan nomeou como "mistério do corpo falante"⁶. E para nos manter aí, para suportar esse mistério que se perde e se atualiza na solidão desse insondável, vamos recorrer às sutilezas que nos brinda o sonho da injeção de *Irma*.

Nosso ponto de mira será, portanto, o que Lacan considera como segunda parte do sonho, seu segundo ápice, em que algo do real é radicalmente atingido. Veremos que as associações de Freud sobre o sonho e o trabalho que dele requer a mobilização dos significantes, ainda que nos abra à multiplicidade de sentido, aos poucos, irão se decantar, circunscrevendo uma espécie de redemoinho, como o epicentro de um furo, ponto, cicatriz silenciosa, que nos leva a não mais encontrar representação.

Nessa direção, torna-se imprescindível recuperamos também a primeira parte do sonho, já que é justamente aí que localizamos o momento impactante do surgimento da imagem aterradora, "espetáculo medonho"⁷, do fundo da garganta de *Irma*. É também, nesse ponto, que conseguimos demarcar um limiar transposto pelo desejo de Freud de ir mais além, frente ao horror de um indizível, já que, corajosamente, ele não desperta, levando seu "sonho", no âmbito da angústia, para mais longe.

Sabemos também que é a partir desse instante, no sonho, que "Freud cai fora"⁸, isto é, sai de cena, retira-se com a unidade, com os "pontos de arrimo"⁹, garantidos pelo seu "eu", testemunhando-nos uma espécie de decomposição imaginária, sob cujos restos encontramos a radicalidade de um sujeito acéfalo, essência indiscutível da descoberta freudiana. Diríamos que, nesse sonho, Freud não desperta para justamente despertar! E é frente à imagem do corpo de uma mulher que ele promove seu próprio ultrapassamento.

2 - Do insondável e aterrador de uma imagem "informe" ao instante de um mistério:

Eis o sonho que Freud conta a nós e ao mundo:

Um grande salão - numerosos convidados que estávamos a receber. Entre eles, estava *Irma*. Imediatamente levei-a para um lado, como para responder a sua carta e repreendê-la por não haver aceitado ainda minha 'solução'. Disse-lhe o seguinte: 'Se você ainda sente dores, é realmente por culpa sua. Respondeu: 'Se o senhor pudesse imaginar que dores tenho agora na garganta, no estômago e no abdômen; sinto-me sufocada...' **Fiquei aterrado e olhei para ela.** Estava pálida e inchada. Pensei que, afinal de contas, havia me descuidado de localizar algum mal orgânico. Levei-a até a janela e **examinei-lhe a garganta.** Ela se mostra resistente, como as mulheres com dentaduras postiças. Pensei comigo mesmo que não havia necessidade de ela fazer aquilo - Em seguida, **abriu a boca como devia e no lado direito descobri uma grande mancha branca e, em outras partes, vejo estranhas crostas cinza-esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas crespas que, evidentemente, estavam modeladas nos cornetos do nariz.** Imediatamente, chamei o Dr. M. e ele repetiu o exame e o confirmou. O Dr. M. tinha uma aparência muito diferente da comum; estava muito pálido, claudicava e tinha o queixo escanhado... Meu amigo Otto estava também agora de pé ao lado dela e, meu amigo Leopold auscultava-a através do corpete e dizia: 'Ela tem uma área surda, bem embaixo, à esquerda.' Também indicou que uma porção da pele no ombro esquerdo estava infiltrada. (Notei isso, da mesma forma que ele, apesar do vestido)... M. disse: 'Não há dúvida que é uma infecção, mas não tem importância; sobrevirá a disenteria e a toxina será liberada.'... Estávamos diretamente cômicos, também, da origem da infecção. Não muito antes, quando ela não estava se sentindo bem, meu amigo Otto lhe aplicara uma injeção de um preparado de propil, propileno... ácido propiônico... **trimetilamina (e eu via diante de mim a fórmula desse preparado em grossos caracteres)**... Injeções dessa natureza não devem ser feitas tão impensadamente... E provavelmente a seringa não devia estar limpa¹⁰.

Tal como nos é transmitido acima, não bastasse a coragem em levar seu sonho rumo ao que poderia haver de mais real, Freud não recua frente ao mistério que lhe fazia

ecoar a sexualidade feminina, em razão também de sua ambição por um saber que fosse capaz de responder à cura das neuroses. Obstinado em encontrar uma "solução", Freud pretendia transformar tal impasse em um caminho para a cura, ainda que tal intento o colocasse em uma encruzilhada entre os ideais garantidores da ciência e as instabilidades que lhe chegavam do mundo feminino. Tal era sua insistência, sua tentativa de convencimento para que *Irma* aceitasse sua "boa solução"¹¹.

E, decididamente, *Irma* é uma "má paciente" porque, além de seus sintomas persistirem, não aceita a solução, não colabora com a proposta freudiana. Apaixonado por sua pesquisa, Freud se irrita, recrimina *Irma* e termina por confessar que gostaria de ter podido trocá-la por uma paciente mais inteligente, que não impusesse obstáculos ao seu tratamento, uma paciente que abrisse a boca e lhe "contasse mais coisas que *Irma*"¹². Permanecendo silenciosa, *Irma*, inicialmente, não "abre a boca", resiste ao exame que Freud pretendia, então, submeter-lhe.

Diante desse fato, Freud traz em suas associações uma série de significações, mas nos deixa, por meio de sua primeira interpretação, que o motivo da resistência de *Irma* vem atualizar o pudor e a vergonha frente ao real do corpo, na medida em que o véu da representação, capaz de recobrir esse mesmo corpo, começava já a deflagrar suas falhas. E quando *Irma* finalmente abre a boca, eis o que Freud vê: "uma grande mancha branca e, em outras partes, [...] estranhas crostas cinza-esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas crespas"¹³.

Frente à estranheza de tais conteúdos, Freud permanece em suas miragens imaginárias e é, portanto, Lacan, quem nos dá verdadeiramente o *status* dessa desconcertante imagem. Diz-nos Lacan: "para esta boca, há todas as significações [...], todas as condensações que vocês quiserem. Tudo se mescla e se associa nesta imagem,

desde a boca até o órgão sexual feminino"¹⁴. E continua, transmitindo-nos o difícil que se atualiza no real da angústia: "eis aí uma descoberta horrível, a carne que jamais se vê, o fundo das coisas, [...] a carne da qual tudo sai, até mesmo o íntimo do mistério, a carne, dado que é sofredora, informe"¹⁵.

O que Lacan está aqui pretendendo nos apontar é que a estranheza provocada por essa imagem "informe" vem desbaratar algo da homeostase, da pureza ilusória que sonhamos encontrar no campo da percepção. E Lacan só o faz, porque diferentemente do que se verificou até então, no campo da fenomenologia, não sem os avanços que pretendeu Merleau-Ponty com sua *Fenomenologia da percepção* - explorando, o que poderia haver "debaixo" do mundo objetivo - o campo da percepção, primado do *perceptum*, também primado do significante, não se reduz a uma lógica especular.

Não nos custa lembrar, porque facilmente o esquecemos que o especular é o privilégio dado à imagem, à forma do corpo, unificada, construída a partir de outra, também radiante, a do semelhante, que com sua palavra, mortifica e emoldura esse mesmo corpo. E é por meio de um esforço que Lacan, incrivelmente, arranca, "desembaraça o escópico do especular"¹⁶, demonstrando-nos que o que especular faz, realiza, é esquecer do escópico, é dissimular, em definitivo, o horror da castração, o que comportará uma espécie de cegueira sobre o gozo.

Assim, a imagem unificada de um corpo especular, não sem os efeitos da operação do recalque, viria dissimular o próprio olhar e, uma vez não mais confundido com o especular, esse mesmo olhar passa a ser tomado por Lacan como objeto da pulsão, como o paradigma do objeto *a*¹⁷. Trata-se, por fim, de tentar perceber o campo escópico a partir da pulsão que, desse modo, não ficará mais submetida à imagem, à representação e, sim, irá encontrar no puro

vazio, no buraco que nos semblantiza o objeto *a*, seu próprio trajeto, dando-lhe a sutileza de um contorno.

Como nos ajuda Miller, "o ponto olhar parece sempre sair de uma outra dimensão", já que "se pode ver como olhado, delimitado, isolado, furando a métrica do espaço", encontrando assim suas encarnações no ponto luminoso, no ponto opaco, ou na mancha, mas sempre em relação à luz"¹⁸. Podemos, então, inferir que a estranheza que irrompe da imagem informe da garganta de *Irma* nos confirma exatamente que ali, naquele instante, como puro olhar, ponto luminoso encarnado, seja na mancha, seja na opacidade, o objeto *a* como queda, foi terminantemente demarcado, transmutando, por consequência, a objetividade da percepção.

Ao localizarmos a extração do objeto *a*, como puro olhar, como uma espécie de um "sem imagem", tocamos o *status* do que Miller chamou de "Imagem-rainha"¹⁹. E onde estaria sua majestade? Primeiramente, uma "Imagem-rainha" irá tomar como interrogante o corpo, seja o corpo próprio, o corpo do Outro ou o falo. Contudo, o delicado em sua inquestionável realeza é que se trata de uma imagem que não tem a pretensão de representar o sujeito, mas de se coordenar com a captura de seu gozo, demarcando um "lugar", onde o imaginário encontraria condições de se amarrar ao gozo. Eis o mistério do corpo falante, porque "o corpo falante é o que se produz no instante do mistério da união da palavra com o corpo"²⁰.

Se seguimos na trilha do mistério, contatamos que sobre esse "instante" não há matema, não há Outro, solidão... intransmissível, porque se trata de aceder ao que não se deixa liberar, território radical do recalque originário, de onde também se irrompe o incurável de *lalíngua*. E como bem nos diz Miller, diferente do que nos evoca a palavra "êxito", "de certo modo, a psicanálise vai muito bem com o termo 'erro', porque o erro é o preço que o pensamento deve pagar para sair do mistério"²¹.

Em suas poéticas *Leituras da página em branco*, Bassols, também nos ajuda com a solidão do mistério, ao nos dizer que o branco da página em branco, como branco sobre o branco, pode ser absolutamente negro, que "de fato, o destino da grande mancha branca do sonho da injeção de *Irma* ficará inscrito na obra de Freud como o famoso 'continente negro', a terra incógnita da sexualidade feminina [...], enigma sobre o qual nada se pode dizer"²². Freud fica mesmo fascinado, intimidado pelo branco da mancha branca, por essa imagem que se amarra ao gozo, "revelação do real naquilo que tem de menos penetrável, do real sem nenhuma mediação possível [...] diante do qual todas as palavras estancam e todas as categorias fracassam"²³.

Diríamos que Freud franqueou esse indizível, habitante de um continente negro, mas se deteve nessa obscuridade ao restringir a feminilidade aos impasses intransponíveis do rochedo da castração. E é Lacan quem prossegue com esse real, afrontando o insuportável da falta de representação que impõe a sexualidade feminina. Ao remexer nas garantias do pai, ao ir mais além do Édipo, Lacan encontra condições de avançar nas instabilidades desse terreno que vem questionar tudo que se inscreve sob a categoria da palavra, tal como nos transmite o sonho da injeção de *Irma*.

Irma com Lacan nos ensina, por exemplo, que o falo, como operador lógico, como significante da falta, é insuficiente para acomodar o que pode haver na dissimetria e na relação entre os sexos, porque, em algum ponto, como significação, ele também a "irrealiza"²⁴. Já, em seu texto, "Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina", Lacan nos apresenta esse mesmo impasse, porém, de modo mais preciso, ao indagar "se a mediação fálica drena tudo o que pode se manifestar de pulsional na mulher"²⁵, se não haveria, por fim, um gozo de outra ordem que não pode ser abordado pela lógica fálica.

Aqui, tocamos na insuficiência do simbólico, da metáfora paterna em recobrir todo o real ou refrear todo o gozo, deflagrado pela mulher, por que não dizer por *Irma*. Mas, é ao elaborar as *fórmulas quânticas da sexuação* que Lacan irá ultrapassar o impasse freudiano, ao lançar uma nova resposta ao enigma da feminilidade, postulando-nos um Outro gozo, "gozo feminino". Logo, a mulher ou todo sujeito também regido por essa outra lógica, passa a ser *não-todo* assujeitado à ordem simbólica²⁶. Eis que o feminino para Lacan nasce exatamente "onde o pai desfalece"²⁷, onde o Outro encontra seu legítimo ponto de inconsistência, até chegar a inexistir.

É nesse vazio onde confluem, intimamente, o feminino e o desfalecimento do pai, que Lacan pôde nos despertar com a formulação "a mulher não existe", isto é, que ela não permanece dependente de uma identificação. No entanto, adverte-nos Miller, "isso não significa que o lugar da mulher não exista, mas que esse lugar permanece essencialmente vazio"²⁸. Ainda sobre esse mistério que nos traz o vazio, Gorostiza, também nos ajuda, ao destacar "a afinidade do feminino com a letra que, tal como uma mulher, não pode dizer o que é, enquanto mulher, daí seu silêncio"²⁹.

Nesses termos, por afinidade de estrutura, colocaríamos assim, bem aproximados ou apresentando-se, lado a lado: gozo feminino, letra e silêncio. E Laurent irá, ainda, sugerir-nos mais um termo para fazer parte dessa linda e majestosa constelação: a ausência, ou melhor, um "*gozoausencia*"³⁰ como outro gozo do não-todo, outro gozo que acontece para além da lógica fálica, que vem demarcar, por fim, uma espécie de ausência do *parlêtre* para si mesmo e para com o significante.

3 - O mistério do corpo falante que faz nó, cicatriz entre dois reais:

Se estamos emparelhando o gozo feminino a outros termos é porque o feminino, como um vazio de significação - e seu gozo que daí advém - não é o real, e sim um de seus nomes que, em um instante de mistério, conseguiria esburacá-lo com as marcas de *lalíngua* no corpo. Portanto, entre simbólico e real estaria o feminino como um puro nome, entre real e imaginário, esse outro gozo, que chamamos de gozo feminino. Não é sem razão que, ao final do ensino de Lacan, depois da demissão paterna, da falha no nó que Joyce nos testemunha, o gozo feminino irá sofrer uma espécie de generalização, passando "ao um regime do gozo como tal", [...] gozo reduzido ao acontecimento de corpo"³¹.

Ainda sobre esse vazio, cabe-nos uma última e importante precisão. É Lacan quem a faz, quando de sua intervenção em Estrasburgo, frente à pergunta de Marcel Ritter sobre o *Unerkannte*, traduzido como um "não-reconhecido", uma vez "sentado em cima" do umbigo do sonho. Pergunta Ritter: "este não-reconhecido, [...] não podemos ver aí o real, um real não-simbolizado, algo diante do qual [...] o sonho, enquanto rede [...] se detém, onde não pode ir mais longe". E continua: "de que real se trata? É o real pulsional?"³². E Lacan nos diz: "Não penso que seja um real pulsional"³³.

Frente à resposta de Lacan, Schejtman nos adverte que é fundamental distinguirmos aí dois reais, que "irão comportar dois buracos diferentes"³⁴. Trata-se de pensar modos diversos de fazer forçamento frente ao vazio, nesse exato instante de mistério. Em continuação à pergunta de Ritter, afirma Lacan: o real pulsional "é o que na pulsão reduzo à função de buraco"³⁵, buraco corporal, orifícios corporais, estes que Freud nomeava como zonas erógenas. Se fizermos um retorno ao seminário 11, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, encontraremos esse buraco corporal, este em que a pulsão encontra e desenha seu

trajeto circular em um "vaivém, uma reversão fundamental"³⁶.

Então, se algo se passa no nível do orifício corporal, colocando em jogo o real da pulsão, resta-nos perguntar: e o que se passa no nível do buraco do inconsciente, esse que Freud se deteve por meio do umbigo do sonho? Esclarece-nos Schejtman: "o buraco corporal, o que comporta a relação com o pulsional não é o buraco do inconsciente, que Freud abordou em termos de reprimido pulsional"³⁷. E continua: "este é um real, então, que não é o real do buraco pulsional. Porém, há aí analogia"³⁸. E onde residira tal condição de analogia entre esses dois reais?

No momento em que elabora as operações de alienação e separação, Lacan nos diz que estas colocam em jogo a superposição de duas faltas, o que nos permitiria, nesta releitura sob uma perspectiva borromeana, tomá-las como dois buracos: um, determinado a partir de uma falta simbólica, no nível do significante e, outro, situado no nível de uma falta real, onde incluiríamos os objetos da pulsão. Portanto, a aproximação entre esses dois reais residiria no recobrimento dessas duas faltas, o que possibilitou a Lacan ressituar o inconsciente de modo homogêneo a uma zona erógena, como descontinuidade de uma borda que se abre e fecha, distinto da linearidade de uma cadeia significante³⁹.

Estamos por fim, diante de dois reais que se diferenciam, sobretudo, se tomarmos como índice a função do buraco. No entanto, estes reais não operam sem que possam repercutir um sobre o outro. Então, para o *parlêtre*, haveria o real pulsional, através do qual, entre real e imaginário, situaríamos o buraco no nível corporal, e o real do recalque originário, situado entre real e simbólico, onde encontraríamos o buraco no nível do inconsciente. E é por meio desse real do recalque originário que encontramos um simbólico esburacado pelo

real, já que não dispõe de todos os significantes no lugar do Outro. Freudianamente, o mesmo seria dizer que não há representação inconsciente da sexualidade feminina⁴⁰, tal como *Irma* ensinou a Freud.

Se constatamos que o real pulsional não é o real a que se refere o umbigo do sonho, então, caberia dizer que o real do umbigo do sonho é o real do recalque originário, do "não-reconhecido"? Decididamente não. Basta atentarmos à precisão de que o umbigo do sonho está "sentado em cima", conectado com o real do recalque originário, com o "não-reconhecido", com "esse abismo do real"⁴¹. Dizer "estar sentado em cima do real" é muito diferente de dizer que é o real. E como, então, esse umbigo, essa audaciosa descoberta freudiana, conectar-se-ia com esse último real, limite da psicanálise?

Ao comentar essa intervenção de Lacan, Schejtman vai nos ressaltar que esse buraco do simbólico, sob o qual está assentado o umbigo do sonho, em última instância, reduz-se a isso, "que há algo que não cessa de se escrever: a relação sexual [...] e essa falha [...] deixa marca e isso [essa marca] é o umbigo do sonho"⁴². Então, para essa marca, Lacan nos oferece outros nomes: "estigma", "traço", "cicatriz", para, por fim, destacar a função de enodamento, de amarração, conferida ao umbigo do sonho. Em suas palavras: "no nível do simbólico, aí, está enodado, não mais sob a forma de um orifício, senão de um fechamento"⁴³.

É o umbigo do sonho, por excelência, que nos traz notícias de que há buraco, de que este não foi *fora*cluído, como, por exemplo, no autismo, já que fazer marca, estigmatizar é, sobretudo, fazer borda. Eis que para todo buraco, todo furo, deve haver borda, margem, deve haver escrita! Diríamos que no sonho da injeção de *Irma*, Freud nos dá o buraco e a escrita. Leva-nos, lacanianamente, da "solução" ao erro, da suposição à *ex-sistência*, por meio da extração de um significante - não um significante qualquer

- *Trimetilamina*, uma fórmula química, expressa em letras, que lhe emerge, no momento final do sonho, momento em que não há mais sujeito, senão o *parlêtre*. "E o *parlêtre* [diz-nos Lacan] encontra-se excluído de sua própria origem e a audácia de Freud, nesta ocasião, foi [...] dizer que se tem algo disso em alguma parte da marca [no umbigo] no sonho"⁴⁴. Bravo e solitário sonhador...

¹ O presente texto é uma adaptação do trabalho de escrita que envolveu minha tese de doutoramento, intitulada "Falar de si, 'falar para si'... a solidão de *Um real* na transmissão da psicanálise", realizada na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), sob orientação da profa. Heloisa Caldas, com período de estágio na Universidad de Buenos Aires (UBA) e no Instituto Clínico de Buenos Aires (Ic de BA).

² LACAN, J. (2003[1976]). "Prefácio à edição inglesa do Seminário 11". In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 567.

³ MILLER, J.-A. (2013a). *El ultimíssimo Lacan*. Buenos Aires: Paidós, p. 17.

⁴ FREUD, S. (2012[1900-1901]). "La interpretación de los sueños". In: *Obras completas*, vols. IV e V. Buenos Aires: Amorrortu, p. 475.

⁵ IDEM. *Ibid.*, p. 132.

⁶ LACAN, J. (2005[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 178.

⁷ IDEM. (1985[1954-1955]). *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 197.

⁸ IDEM. *Ibid.*, p. 198.

⁹ Idem, *Ibidem*.

¹⁰ FREUD, S. (2012[1900-1901]). "La interpretación de los sueños". *Op. cit.*, p. 128-29, grifos nossos.

¹¹ LACAN, J. (1985[1954-1955]). *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud na técnica da psicanálise*. *Op. cit.*, p. 192.

¹² FREUD, S. (2012[1900-1901]). "La interpretación de los sueños". *Op. cit.*, p. 132.

¹³ IDEM. *Ibid.*, p. 128-129.

¹⁴ LACAN, J. (1985[1954-1955]). *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud na técnica da psicanálise*. *Op. cit.*, p. 197.

¹⁵ IDEM. *Ibid.*, p. 197.

¹⁶ MILLER, J.-A. (2005). *Silet: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 270.

¹⁷ LACAN, J. (1988[1964]). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 77.

¹⁸ MILLER, J.-A. (2005). *Silet: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan*. *Op. cit.*, p. 271.

¹⁹ IDEM. (1997). *Lacan elucidado: palestras no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 575.

-
- ²⁰ ALVAREZ, P. (2015). "Escabel". In: *Revista Lacaniana de Psicoanálisis - Publicación de la Escuela de Orientación Lacaniana*, n° 18. Buenos Aires: EOL, p. 62.
- ²¹ MILLER, J.-A. (2013b). *Piezas sueltas*: Buenos Aires: Paidós, p. 56.
- ²² BASSOLS PUIG, M. (2011). *Lecturas de la página en blanco - la letra y el objeto*. Málaga: Miguel Gómez Ediciones, p. 76.
- ²³ LACAN, J. (1985[1954-1955]). *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud na técnica da psicanálise*. Op. cit., p. 209.
- ²⁴ IDEM. (1998[1958]). "A significação do falo". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 701.
- ²⁵ IDEM. (1988[1960]). "Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 739.
- ²⁶ IDEM. (2005[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p. 15.
- ²⁷ STIGLITZ, G. (2014). "La mujer, amiga del síntoma". In: *(H)etéreas: las mujeres, lo femenino y su indecible*. Olivos: Grama, p. 31.
- ²⁸ MILLER, J.-A. (2011a). "Mulheres e semblantes II". Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_1/Mulheres_e_semlantes_II.pdf. Acesso em: set/2015.
- ²⁹ GOROSTIZA, L. (2011). "El goce femenino del siglo XXI". In: *Revista El Caldero, nueva serie*, n° 17. Buenos Aires, s.p.
- ³⁰ LAURENT, É. (2013). "Comentario de Eric Laurent". In: *Revista Lacaniana de Psicoanálisis - Publicación de la Escuela de la Orientación Lacaniana*, n° 14. Buenos Aires: EOL, p. 118.
- ³¹ MILLER J.-A. (2011b). *El ser y el Uno*. Seminário inédito.
- ³² LACAN apud SCHEJTMAN. (2014). "¿Qué es un agujero? In: *Estudios sobre el autismo*. Buenos Aires: Colección Diva, p. 79.
- ³³ IDEM. Ibidem.
- ³⁴ IDEM. Ibidem.
- ³⁵ IDEM. Ibidem.
- ³⁶ LACAN, J. (1988[1964]). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Op. cit., p. 168.
- ³⁷ SCHEJTMAN, F. (2014). "¿Qué es un agujero? In: *Estudios sobre el autismo*. Op. cit., p. 80.
- ³⁸ IDEM. Ibidem.
- ³⁹ LACAN, J. (1988[1964]). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Op. cit., p. 194.
- ⁴⁰ SCHEJTMAN, F. (2014). "¿Qué es un agujero? In: *Estudios sobre el autismo*. Op. cit., p. 81.
- ⁴¹ IDEM. Ibid., p. 82.
- ⁴² IDEM. Ibidem.
- ⁴³ LACAN apud SCHEJTMAN, F. (2014). "¿Qué es un agujero? In: *Estudios sobre el autismo*. Op. cit., p. 84.
- ⁴⁴ IDEM. Ibid., p. 83.